



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018

p. 213-237.

Corpos dissidentes na rua: territorialidade e identidades acionadas no carnaval de Ouro Preto (MG)

Yuri Alexandre Estevão Rezende¹

Kerley dos Santos Alves²

João Nazário Simões Villaschi³

RESUMO: Durante o carnaval de Ouro Preto (MG), a Rua São José é apropriada por pessoas LGBTTQIs (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer e intersex). Por isso, o objetivo deste artigo foi compreender os processos de apropriação dessa rua e o que isso nos revela sobre as sociabilidades, as normativas de gêneros e sexualidades nesse contexto urbano-festivo. Trata-se, mais precisamente, de discutir a relação entre sexualidade e acionamento territorial. Para tanto, utilizou-se, como métodos de pesquisa, dentre os anos de 2014 a 2017, a etnografia e entrevistas semiestruturadas aplicadas aos frequentadores do local. Evidenciou-se, assim, que a rua passa a ser também lugar de sexualidade. Não apenas São José, mas transbicha. A São José é rua transbicha, pela heterogeneidade de pessoas que nela se concentraram e (re)apropriaram-se dela para viver a efemeridade do carnaval. Dos corpos pretos, bichas, trans, que nela atravessaram e a transformaram em rua-corpo. Ela foi, à priori, reinventada e renegociada ano-a-ano, numa constante gestão das identidades ali presentes. Ela ganhou legibilidade. O ressignificado dela, no entanto, não se dá como um primeiro olhar pode pressupor se tratar de uma apropriação espontânea do espaço urbano festivo. Ao contrário, esse processo revelou como os desejos, afetos, erotismos, conflitos e LGBTQIfobia foram mecanismos de acionamento tanto das identidades quanto da territorialidade no período carnavalesco. Enfim, em últimas análises, percebeu-se a desterritorialização e reterritorialização da rua transbicha; seu “fim” e “renascimento”, por meio da negociação, em outra localidade do carnaval ouropretano.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialidade; identidades; LGBTTQI; carnaval; rua.

Abstract: During Ouro Preto's Carnival, São José Street is taken by LGBTTQI people (lesbian, gay, bisexual, transsexual, travesti, queer and intersex). Therefore, the objective of this article is to understand the processes of appropriation of São José Street and what this can reveal to us about sociability, gender and sexuality norms in the urban-festive context. More precisely, it is a question of discussing the relationship between sexuality and territorial occupation. For this purpose, ethnography and semi-structured questionnaires were applied to the locals and were used as research methods, from the 2014 to 2017. It is considered that the street became a place of sexuality. More than just São José Street: a queer space. São José Street is a queer street, due to the heterogeneity of people who have concentrated on it and occupied it to live the ephemerality of the carnival: black, queer, and trans bodies that crossed it and turned it into a body-street. The street was, at first, reinvented and reorganized every year, in a

¹ Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto.

² Professora adjunta do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Psicologia pela Universidade Católica de Minas Gerais.

³ Professor do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

Recebido em 07/09/17

Aceito em 24/10/17



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 8, v. 1 nov.2017.-abr. 2018

p. 213-237.

constant management of the identities present there. It has gained legibility. The Street's resignification, however, does not occur as a first glance may imply that it is a spontaneous appropriation of festive urban space. This process revealed how desire, affection, eroticism, conflicts, and LGBTTQIfobia were mechanisms for triggering both identities and territoriality during the carnival period. Finally, in the last analysis, the deterritorialization and reterritorialization of the queer street was analyzed. Its "death" and "rebirth", through the migration of Ouro Preto's Carnival to another place.

Keywords: Territoriality; identity; LGBTTQI; carnival; street.

Resumén: Durante el carnaval de Ouro Preto (MG), la calle São José es apropiada por personas LGBTTQIs (lesbianas, gays, bisexuales, transexuales, travestis, que trae e intersex). Por lo tanto, el objetivo de este artículo fue comprender los procesos de apropiación de esa calle y lo que eso nos revela sobre las sociabilidades, las normativas de géneros y sexualidades en este contexto urbano-festivo. Se trata, más precisamente, de discutir la relación entre sexualidad y accionar territorial. Para ello, se utilizó como métodos de investigación, entre los años 2014 a 2017, la etnografía y entrevistas semiestructuradas aplicadas a los frequentadores del local. Se evidenció, así, que la calle pasa a ser también, lugar de sexualidad. No sólo San José, sino que transroga. San José es calle transgrana, por la heterogeneidad de personas que en ella se concentraron y (re) se apropiaron de ella para vivir la efemeridad del carnaval. De los cuerpos negros, filas, trans, que en ella atravesaron y la transformaron en calle-cuerpo. Fue, a priori, reinventada y renegociada año a año, en una constante gestión de las identidades allí presentes. Ella ganó legibilidad. El resignificado de ella, sin embargo, no se da como una primera mirada puede suponer si se trata de una apropiación espontánea del espacio urbano festivo. Al contrario, ese proceso reveló cómo los deseos, afectos, erotismos, conflictos y LGBTQIfobia fueron mecanismos de accionamiento tanto de las identidades, como de la territorialidad en el periodo carnavalesco. En fin, en últimos análisis, se percibió la desterritorialización y reterritorialización de la calle transgrana; su "fin" y "renacimiento", por medio de la negociación, en otra localidad del carnaval de oro.

Palabras clave: Territorialidad; las identidades; LGBTTQI; carnival; la calle.

1 Introdução

A cidade é feita de corpos, de sexualidades e gêneros, de deslocamentos, de encontros, de desencontros, de afetações, de redes de poder. Ela é, para além de seus aspectos econômicos, físicos e geográficos, subjetividades (CAIAFA, 2002, p. 92). Ler e ver o urbano é, assim, uma tentativa de entender processos e diferenças sociais que o (re)constitui. O nosso olhar, por sua vez, por se familiarizar ou se disciplinar, nem sempre se atém às relações que ali se estabelecem e o que a partir delas podemos dizer sobre nós mesmos e sobre o outro. Porém, há momentos em que o pesquisador – por impulso ou circunstancialmente – se estranha e passa a perceber o urbano, a narrá-lo, a lançar o olhar para essa realidade e para o outrem.

É a partir dessas experiências e vivências, de sentir-se e de perceber-se no espaço, há muito discutidas por Walter Benjamin (1975), Velho (1973), DaMatta (1997), Magnani (2006), entre outros, que é possível observar os investimentos, comportamentos, disputas e agenciamentos que acionam as territorialidades em uma espécie de itinerário urbano no Carnaval; pessoas, em suas interações sociais, simbólicas e afetivas – relações intrínsecas, nesse caso, a produção de espacialidades e territorialidades (RAFFESTIN, 1993; SANTOS, 2002). Entendemos, assim, territorialidade em um caráter mais fluido e dinâmico, o que nos permite ir ao encontro de Perlongher (1987) e pensar que não é somente o indivíduo que está na rua, mas que há rua no indivíduo.

Eis que surge o necessário para iniciar uma pesquisa, a inquietação: problemática que é senão aquilo que dá início às empreitadas investigativas nas ciências e na filosofia, e que talvez seja também fundamental para a atividade etnográfica. Inquietação ao notar as identidades acionadas, disputadas e negociadas no contexto urbano e festivo. Mas quais são as relações simbólicas e de poder que acionam as identidades e territorialidades transbichas no Carnaval de Ouro Preto? Qual a relação das sexualidades em congruência com o espaço na festividade? São essas interrogações que nortearam este artigo, o qual tem como foco de análise de campo a Rua São José no Carnaval da histórica cidade de Ouro Preto, Minas Gerais.

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender os processos de apropriação da rua São José e o que isso pode nos revelar sobre as sociabilidades, as normativas de gêneros e sexualidades nesse contexto urbano-festivo. Tratou-se, mais precisamente, de discutir a relação entre sexualidade e acionamento territorial. Este estudo torna-se importante na medida em que, como pondera DaMatta, ler e estudar a constituição dos espaços entre a casa e a rua no país nos permite compreender a



"gramática ideológica brasileira", além de tecer relações sobre os aspectos relativos ao “importante conjunto da nossa identidade cultural” (1997, p. 10).

2 Procedimentos metodológicos

Os atravessamentos teóricos e empíricos que constroem a trajetória desta pesquisa são marcados por análises que interpretam a rua enquanto lugar de encontros, disputas, conflitos, afetos, resistências; ruas que, por vezes, se tornam morada de gente abjeta, ou seja, de “[...] corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2003, p. 23). Destarte, são inspirações e fontes deste artigo obras antropológicas como as de Velho (1973), Perlongher (1987), Caiafa (2002), Magnani (2006 e 2012), Frugoli Jr. (2006), Eckert e Rocha (2013), Frehse (2013) que, mesmo partindo de processos teórico-metodológicos, em alguns casos, divergentes, dialogam no entendimento das territorialidades urbanas enquanto micro espaços que nos possibilitam ponderações sobre nossas relações sociais e culturais em um sentido mais amplo.

Ademais, nesta pesquisa, a ida a campo ocorreu dentre os anos de 2014 a 2017, durante período de sete dias (quinta, sexta, sábado, domingo, segunda e terça), os quais compreendem o carnaval ouropretano, posto que é tradição, toda quinta-feira, a saída do bloco Vermelho i Branco, que abre a festividade e, por conseguinte, é possível notar as apropriações das ruas e espaços da cidade.

Portanto, o método utilizado foi a observação participante, ou a “participação observante” (OLIVEN, 2007, p. 21). Entendemos que o pesquisador pode, em algum momento, ser afetado no trajeto que constrói em campo. Não se trata, tampouco, de não se distanciar em partes daquilo que se está analisando, mas de um exercício dual: estranhamento/proximidade. A perspectiva tomada aqui, a partir de leituras, principalmente de Velho (1978), DaMatta (1997) e Magnani (2012), adotou assim um “estranhamento crítico do familiar” e uma aproximação necessária, sendo que, ao ser feita, é possível ter “indicações para uma compreensão mais complexa dos fenômenos em que estávamos diretamente envolvidos” (VELHO, 2011, p. 166), a fim de narrar uma observação mais condizente e profunda sobre a realidade experimentada/vivenciada por outrem e pelo eu.

Os relatos etnográficos trazidos aqui foram escritos, durante as experiências no campo, por meio do uso de aparelho telefônico. Em um bloco de notas, fiz as anotações que julgava relevantes para este trabalho. Posteriormente, transcrevia essas anotações para o papel no meu caderno de campo. Contudo, os relatos aqui não serão apenas os dos períodos *in loco*, mas também de momentos



distintos temporal ou territorialmente falando, em que fui atravessado por fatos e vivências que se relacionam com o objeto pesquisado.

A etnografia, é mister dizer, sugere a interação com pessoas ou grupos, muitas vezes por meio da entrevista (ROCHA E ECKERT, 2008). Neste trabalho, portanto, utilizei a entrevista semiestruturada, no ano de 2014, aplicadas a dez pessoas. Dentre elas, sete homens não-heterossexuais⁴, duas mulheres lésbicas e uma travesti. Porém, por se tratar de um período festivo, houve certa dificuldade em interpelar pessoas para uma entrevista extensa, além do fato de muitos se recusarem a gravar as entrevistas. Assim, a partir de 2015, 2016 e 2017 tracei diálogos informais com os indivíduos nas ruas e, na medida em que conversava, anotava no celular as falas que pareciam mais pertinentes para o meu estudo de caso. Os dados coletados e as descrições etnográficas foram articuladas de modo a alcançar o propósito deste estudo. Utilizei, assim, a Análise de Conteúdo como método para examinar os discursos coletados por meio das entrevistas. Esses/as entrevistados/as serão identificados durante minhas análises por nomes fictícios, para que suas identidades se mantenham em sigilo de pesquisa.

Por fim, ressalto que, por se tratar sobretudo de um relato de campo, o uso da primeira pessoa estará presente. Penso assim que trazer o “eu” para o ensaio científico não significa uma “contaminação” da pesquisa mas, muito pelo contrário, consiste em revelar os limites e potências de quem descreve e analisa o objeto. Trata-se de vivificar o texto!

3 Carnaval ou os Carnavais? Algumas considerações sobre a conformação do Carnaval de Ouro Preto

No Brasil, o carnaval constitui-se em uma das mais importantes festividades no ano, senão a principal (CARVALHO E MADEIRO, 2005). Para Montes (1998), a festividade representa, ainda hoje, a síntese de uma festa barroca. Tal concepção é fundamentada ao avaliar toda a suntuosidade dos famosos desfiles das escolas de sambas, as grandes e coloridas alegorias, o constante diálogo entre sagrado e profano presentes na celebração. Em Minas Gerais, essa premissa não poderia ser mais pertinente, posto que nessa terra o barroco foi importante ferramenta de pedagogia e controle social, fato de civilização (MONTES, 1998).

⁴ Preferi utilizar este termo já que dentre os sete entrevistados não houve consenso no auto identificação. Assim eles se identificaram como bicha (1), gays (2), homossexuais (2), viado (2), bissexual (1).



A festa, como pesquisada por Lea Perez (2011), é, em *sui generis*, efêmera. Por si só: são exageros, encontros, corpos em ações e reações de uma forma, dentro de alguns limites, não-padronizados. O que estou inferindo é que nesse contexto festivo, o momento barroco da devassa se instaura, as práticas normativas são deixadas de lado e se assume os ritos da festa que, muitas vezes, não se relacionam com as posições institucionais de ser/agir. Pensarmos assim, principalmente, no carnaval faz todo sentido, já que ele, no imaginário social, se constitui como a *Festa da Carne*.

É a festa da rua e talvez por isso seja também o ritual festivo em que o privado e público se entrelaçam, deslocam e se misturam; as normativas de como estar ou se portar em casa e na rua se desprendem do convencional ou, nas palavras de DaMatta,

(...) nas rotinas, os espaços específicos estão socialmente equacionados a atividades específicas. Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora das igrejas etc. (...) Ora, a festa promove precisamente os deslocamentos destas atividades dos seus, digamos, "espaços normais". Isso, então, permite a sensação de um tempo louco, notavelmente lento ou, como ocorre com o nosso carnaval, uma temporalidade acelerada, vibrante e invertida (1997, p. 28)

Nesses afrouxamentos das regras e códigos de como ser/agir que o carnaval promove, há ainda uma notória flexibilização das normativas de gêneros e sexualidades, não a ponto, obviamente, de garantir segurança ou pressupor liberdade sexual (GREEN, 2000). Mas antes, como aponta Heilborn (1999), de criar imaginários sociais do Brasil como país sexualmente desinibido. Nesse contexto, algumas dissidências são permitidas, mas não deixam, como exemplificarei mais à frente, de serem normatizadas/controladas.

Diante desses apontamentos, o pesquisador que sai *in loco* e que aqui assume a narrativa etnográfica passa a estranhar seu familiar, num processo inteiramente metodológico; ocorre que a experiência de estar no espaço e de ser parte dele se enlaça com a percepção de analisar os fluxos e relações que ali se apresentam. De modo que o olhar se aprofunda na medida em que me desloco pelas ruas que concentram a multidão carnavalesca de Ouro Preto:

Corpos na rua, carnavalizando. Nas ladeiras ao redor da Igreja de São José, dois homens fazem sexo oral. Ali embaixo, centenas de pessoas dançam ao som de *Girl Gone Wild*, até que, de repente, abrem espaço na multidão e uma travesti empurra um homem ao chão. Ela grita: aqui não, querido! Todos aplaudem e o som volta a tocar. Mais adiante, em outra ruela, um artista se apresenta no palco e, ao som do funk, meninas e meninos dançam. Alguns usam loló e uns poucos se beijam. Na rua oposta, direita e pomposa, aonde há tempos passados residia a pequena nobreza colonial, hoje ecoa uma música alta. Entra quem tem pulseirinha de identificação, com exceção das mulheres, pois ser mulher



é ter pulseirinha, nesses casos. Lá dentro, há certa homogeneidade de estilos e características sociais, homens sem camisa ostentam seus corpos malhados e, junto às mulheres, em sua maioria brancas, dançam na boate montada no casario barroco. Subindo as escadas, um garoto careca – signo que representa, para os estudantes da cidade, se tratar de um calouro ou “bixo”, como é conhecido – carrega uma bandeja, na qual é possível ver cocaína e maconha.

Essa experiência etnográfica, indo ao encontro de Mariza Peirano (2008) e a entendendo enquanto a impressão da teoria vivida, me faz perceber que os marcadores sociais da diferença, tais como raça, classe, gênero e sexualidade estão postos nas espacialidades e lhes dão legibilidade. Criase um itinerário de territorialidades nesse contexto urbano-festivo ou, como prefiro entender, de carnavais. Não é apenas o Carnaval de Ouro Preto, no singular, mas experiências de carnavais de pessoas que, por meio de suas sociabilidades, (re)criam espacialidades. Para materializar, utilizo o mapa abaixo, com as devidas marcações:

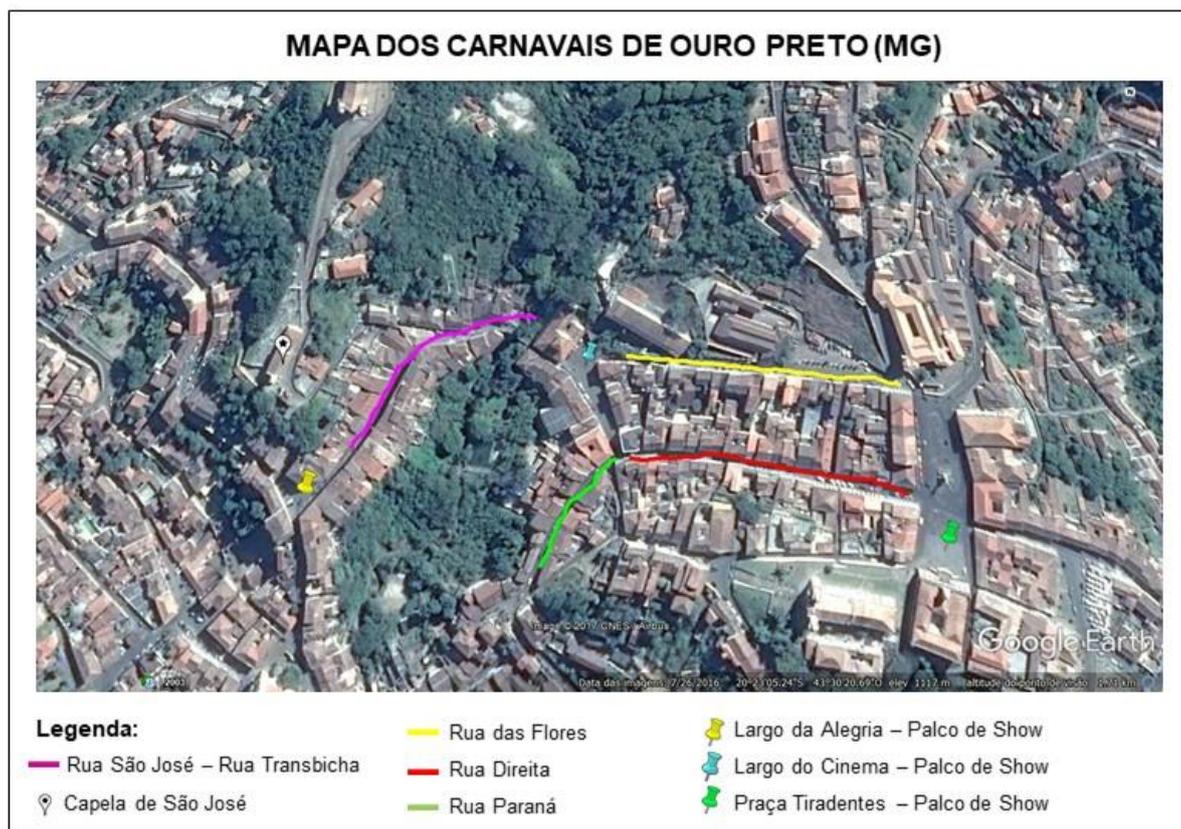


Figura 01: Mapa do Carnaval de Ouro Preto (2017)
Fonte: ESTEVÃO REZENDE, 2017.

Observa-se, a partir do mapa, os tecidos de territorialidades que constituem o carnaval de Ouro Preto. Logo, a Rua São José e a espacialidade da Capela se apresentam como territorialidade



transbicha. A Rua das Flores é o espaço dos jovens periféricos, que se apropriarem, dançam e curtem em frente ao pequeno palco montado ali. Na Rua Direita, mais precisamente dentro dos casarões, acontecem as festas do carnaval das repúblicas federais. Contudo, as repúblicas se estendem por todo território da cidade de Ouro Preto. São cerca de 300 casas estudantis federais e particulares que produzem eventos/festas e recebem turistas no período. A marcação no mapa segue para compreender que o diálogo com as demais territorialidades é iminente nas casas localizadas na rua Paraná e Direita. Na rua Paraná, encontra-se também a territorialidade gay, que surgiu no ano de 2014 e será discutida a fundo no último subtítulo deste artigo. Por fim, marquei ainda os palcos de shows que a Prefeitura monta na cidade, por considerar que eles (re)ligam as territorialidades aqui mencionadas e permitem os diálogos e fluxos entre os foliões.

Assim, entendo que há dentro dessa festividade os carnavais dos jovens periféricos, dos republicanos/turistas, dos LGBTTQIs. Não se trata, no entanto, de sugerir que essas territorialidades são fixas e não se vinculam ou interagem, muito pelo contrário, mas que elas se constituem em dado espaço temporal por meio de relações de poder e simbólicas, por negociações identitárias entre seus frequentadores. De maneira que os diálogos dentro e fora delas são constantes e nos dizem muito sobre o contexto macro das sociabilidades urbanas em congruência com os marcadores sociais da diferença no Brasil.

3.1 Apresentando a Rua São José: cena transbicha no Carnaval de Ouro Preto

Como dito no subtítulo anterior, o carnaval de Ouro Preto é composto por territorialidades demarcadas pelos marcadores sociais da diferença dos seus frequentadores. Desse modo, o que existe são alguns cenários carnavalescos dentro dessa cidade, ou melhor, alguns carnavais. Tal afirmação ainda é pouco evidenciada ou quase despercebida em estudos sobre o carnaval ouropretano, análises estas que, grosso modo, unificam a festividade e visam mensurar apenas sua importância econômica ou patrimonial⁵. Falta, assim, uma visão mais holística e uma investigação mais social/antropológica nesse sentido. Esta pesquisa apresenta-se, então, como possibilidade de ser uma análise neste viés, esmiuçando os processos que promovem a apropriação da São José.

⁵ Pesquisas bibliográficas em depósitos de teses e dissertações, em periódicos, bem como no banco de dados de monografia do curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, embasam tal argumentação.



A rua São José, em dias normais, é uma das ruas mais movimentadas do centro histórico de Ouro Preto, dado ao fato das principais instituições bancárias se localizarem nela, de forma que o logradouro é popularmente conhecido também como rua dos bancos. Contudo, nos períodos de carnaval, seu espaço ganha uma nova identidade em decorrência da apropriação de um grupo específico: ou como melhor nos explica um dos seus frequentadores: “aqui só tem viado. Todas reunidas.... (Mas só viados?)... não, amado... tem todas: bichas, sapas, travas, fazendo fechação”. Tem-se aqui o início de uma vinculação intrínseca entre territorialidade e identidade. Esse fenômeno está tão delimitado e legitimado que os entrevistados conhecem a Rua São José pelos seguintes nomes: “Rua das Gays, Rua das Bichas, Rua do Tofollo⁶, Rua da Fechação, da Pegação”, dentre outros adjetivos que fazem referência às identidades LGBTTTQI. O institucional é aqui deixado de lado e dá lugar às sociabilidades de afetos e sexuais. A Rua ganha novos contornos legitimados em uma última instância pela própria linguagem. Podemos dizer nesse contexto que a legibilidade da Rua São José no carnaval é então um fato latente.

Portanto, assume-se novamente, o conceito de transbicha, já que as identidades sexuais acionadas neste contexto urbano, como percebi na ida a campo e nas entrevistas, são múltiplas e instáveis, assumindo, quase sempre, um caráter marginal: bichas, sapas, viados, botas, travas, trans⁷... A rua é, desse modo, transbicha. Mas vamos seguir em minha trajetória.

Durante os cinco dias de carnaval, o logradouro começa a ser ocupado a partir das 20 horas. Aglomerados no espaço que compreende o Restaurante Passo e a Caixa Econômica Federal, as pessoas se divertem e dançam ao som de músicas eletrônicas, pop e funks que ecoam do Bar Toffolo e de barraquinhas fixadas no casario antigo. O “fervo” vai até altas horas da madrugada. Interessante, destarte, dizer que o Carnaval de Ouro Preto, principalmente o de rua, é pulsante pela tarde e fim da noite, no entanto, a apropriação da São José no período vespertino é ínfima. No momento em que articulo este parágrafo, vem-me intencionalmente à cabeça a voz de Chacrinha a entoar uma popular marchinha de carnaval brasileira: “maria, sapatão, sapatão, de dia é maria, de noite é joão”. Ou seja, há, no imaginário social, uma tentativa de vincular as identidades e práticas dissidentes em relação à noite, ao escuro, ao encoberto, aquilo que se esconde; a noite é o local da efemeridade, da boêmia, da

⁶ Bar e Restaurante da Família Toffolo que, durante o período de carnaval, funciona estritamente como bar frequentado pelos foliões LGBTTTQIs. O interessante é que cotidianamente é um restaurante tradicional com um público bem diferente daquele dos carnavais.

⁷ Por marginal, infere-se como estas pessoas encontram-se marginalizadas num contexto binário hetero-homo, normativo e elitista. Ainda, utilizo a mesma identificação que muitas das pessoas me deram quando eu perguntei acerca da sua sexualidade ou autoafirmação, portanto, faço assim a mesma reprodução no corpo deste texto.



libertinagem, dos pecados, da prostituição (PERLONGHER, 1993). Como também observa Larissa Pelúcio, “a “noite”, como uma temporalidade abstrata, na qual há espaço para a transgressão e sedução, é cheia de códigos e regras e as travestis aprendem logo que, nas muitas surpresas da noite, não há impunidade” (2005, p. 247).



Figura 02: Rua São José, Carnaval de Ouro Preto (2012)
Autor: Lincon Zarbiatti

Ressalto ainda como esse espaço torna-se atrativo para os comerciantes. Eles fixam suas barracões para comercializar bebidas alcoólicas e cigarros. Alguns vendedores, para atrair os frequentadores do local, possuem caixas de som e colocam ritmos musicais como os sobreditos acima. Esses passam, então, a fazer parte daquela espacialidade, a compô-la e recompô-la. Lembro quando, em 2016, um deles reclamou comigo sobre o esvaziamento do local e que estava sendo mais “produtivo ficar na Rua Paraná”. De fato, o consumo é um ponto chave nas pesquisas sobre territorialidades LGBTTQIs, mas, nesse caso, trata-se de uma questão que envolve também o carnaval de maneira geral. A venda e consumo de bebidas é uma característica intrínseca a essa festa de rua na atualidade; as experiências de carnaval também estão sendo capitalizadas (CARVALHO E MADEIRO, 2005).



Por conseguinte, como discorri até aqui, a rua São José é a territorialidade transbicha de Ouro Preto. Mas precisamos agora seguir para entender o que aciona essa espacialidade e como a gestão da identidade é feita a partir desse lugar temporal.

3.2 Negociando identidades: afetos, erotismo e conflitos compondo a Rua São José

As discussões acerca das identidades ou da identidade nas ciências sociais e humanas efervesceram no fim do século XX e início do século XIX. Os pós-estruturalistas, tais como Foucault (1985), Derrida (1986), Deleuze e Guatari (1997), Hall (2003), os pós-coloniais Said (1978) e Homi Bhabha (2001), as feministas bell hooks⁸ (1992), Donna Haraway (2000), Judith Butler (2003), Guacira Lopes Louro (2004), Gayatri Spivak (2010), entre outras, dinamitaram este ‘objeto’ de análise trazendo a cultura e a linguagem para centralidade da discussão.

Assim, assumo aqui uma leitura em confluência com esses/as catedráticos/as, ou seja, entendo que as identidades são relacionais, circunstanciais, políticas e fragmentadas. O processo de identificação é fruto da própria materialização, por meio da linguagem e da delimitação da diferença. É a imagem do outro operando, em níveis desiguais de poder, na representação do eu (PRATT, 1999; BHABHA, 2001). De modo que, como ensina Bhabha, não há identidade sem uma negociação estabelecida.

Por negociação entende-se a imbricação dos aspectos microfísicos, biopolíticos e simbólicos que medeiam as teias de poderes que irão constituir a identidade da pessoa. Não obstante essa breve pontuação, caminha para pensarmos as identidades acionadas na Rua São José e que, por conseguinte, se vinculam a ela, numa espécie de “negociação”. Fato evidenciado também por Perlongher (1993), que refletiu como, em determinadas circunstâncias – por meio de negociações - identidades e territorialidades tornam-se sinônimos. Em seu ensaio, o antropólogo provoca:

em vez de falar de identidades passamos a falar de territorialidades, de lugares geográficos e relacionais. Isto nos convida a conceber uma trama de "pontos" e "redes" por entre as quais circulam ("transformam-se") os sujeitos, definindo-se conforme sua trajetória e posição "topológica" na rede, e não conforme

⁸ Gloria Jean Watkins é uma escritora e feminista negra americana. Adotou como pseudônimo o nome de sua avó (**bell hooks**) e prefere que seja escrito em minúsculo para que a atenção seja concentrada em sua mensagem ao invés de em si mesma. Lecionou Estudos Afro-americanos na Universidade do Sul da Califórnia e na Universidade de Yale e Estudos da Mulheres no Oberlin College em Ohio. bell hooks atualmente mora em Nova York e continua sua luta contra o racismo e o sexismo nos EUA.



uma suposta identidade essencial. O conceito de identidade dá lugar ao de territorialidade, à pergunta "quem é?" superpõe-se a pergunta "onde está?" (1993, p. 143)

A partir dessa mesma concepção de Perlongher, evidencio a relação intrínseca que ocorre entre identidade e territorialidade na rua São José. Retomo minha memória para lembrar assim que, certa ocasião, acompanhando uma amiga em uma festa dentro de república federal, sugiro a ela e seu namorado de irmos para a rua. No entanto, ele me interpela: “mas você vai querer ficar na rua dos viados? Lá eu não fico!” Eu o provoco: tem medo de “virar” viado? Ele me responde: “não é isso... é que vão achar que eu sou viado!”. A legibilidade está dada. A rua, ao que ele me indica, possui a capacidade de promover questionamentos sexuais sobre as pessoas. Esse código parece assim ter sido negociado e está colocado: estar ali é ser dali, ou da mesma forma, estar ali é ser viado, sapatão, trans, seja lá qual for a identidade que está sendo associada por quem observa.

O que estou dizendo é que a identidade da São José ou a sua própria territorialidade já foi negociada, assim, estar lá significa para - “os de dentro e os de fora” dela - acionar uma identidade sexual. Mas as identidades sexuais podem migrar, ou melhor, a auto-identificação de quem se descola no itinerário urbano muda na medida em que se movimenta pelo espaço. Como exemplifica Perlongher, a pessoa pode “qualificar-se (ou ser qualificado) de maneiras diferentes, conforme o lugar em que esteja; pode ser macho num lugar, gay em outro, bicha num terceiro. Essas mutações podem produzir-se inclusive no mesmo espaço” (1993, p 142). Em meu percurso a campo, também notei tal fato: em certo momento, conversando com um cara que, em primeiro olhar, me pareceu estar perdido ali, ele ao longo da conversa me revelou que não era gay, mas que de vez em quando se permitia ser bissexual ou até mesmo homo, que ali era o lugar ideal para isso. Perguntou-me ainda se eu tinha algum amigo que pudesse apresentar-lhe. Em outra ocasião, recordo-me de um colega do meu amigo apontar para outro cara e sugerir que ele “pagava” de hétero em Ouro Preto, mas que agora estava lá, ficando com outro cara.

Essas descrições tanto feitas por mim quanto por Perlongher nos permitem compreender que os acionamentos identitários e da própria territorialidade da Rua São José são instáveis e flexíveis. O corpo parece, assim, modificar o urbano, o desejo e o afeto parecem nortear esse acionamento e as negociações das identidades temporariamente estabelecidas. Nesse sentido, precisei, a partir das leituras teóricas, ir mais a fundo em duas questões que me atravessaram no decorrer desta pesquisa e que serão tensionadas como resposta para aquilo que denomino de “mecanismo de acionamento” da territorialidade analisada: afeto e violência.



3.3 A questão do afeto/erotismo

Tratemos primeiro de conceber a questão erótica e afetiva: os fluxos de lugares de sexo, amor, deslocam-se pelas cidades, em suas ruas de entrelinhas invisíveis e marginalizadas, distantes das zonas ricas e políticas administrativas. Mas argumento não se tratar de qualquer amor e sexo, afinal, como pontua DaMatta (1987), esses signos estão atrelados ao âmbito do privado – ou por assim dizer na casa e não na rua. De certo, estou falando de amores e relações sexuais do campo da abjeção, ilegalidade: colação de velcro, putaria, fechação, gouinage, ménages⁹. Falo de afetos entre bichas, gays, travestis, trans, mulheres, pessoas das quais não se é permitido amar no privado e nem no público institucionalizado e normatizado, mas somente nas ruelas, nos becos, nos viadutos, nas estradas, BRs, nos fluxos e itinerários das cidades-desejos, cidades-devir, parafraseando Silvana Nascimento (2016a).

No nosso caso, separa-se ainda na própria territorialidade da São José o espaço do sexo explícito, com o da sociabilidade geral. Quem quer transar sobe a rua Rua Teixeira Amaral¹⁰ e se entrega ao sexo/afeto do modo mais barroco que eu poderia conceber: atrás da Capela de São José, transam, se amam e se chupam as mais variadas pessoas - profanizando o sagrado, sacralizando o profano. Os beijos e amassos ficam, *a priori*, na rua São José em si. Esse fato pareceu-me ser um código não dito, mas já negociado pelos frequentadores. Em análise, penso ser essa organização socioespacial uma reprodução do espaço da boate, na qual o *darkroom*¹¹ é o ambiente do sexo explícito e a pista de dança o da sociabilidade. É também importante salientar que o espaço atrás da capela se apresenta como local tranquilo/ermo para tais relações, o que representa segurança e privacidade para seus frequentadores. Assim, as pessoas parecem atrelar o sexo em lugares públicos a um ambiente mais próximo com o do privado (casa).

A rua da fechação é essa, a rua dos afetos dissidentes. Ela se compõe, também por isso, pelas identidades que nelas se acionam. A sede de afeto e o desejo pelo outro levam as pessoas a (re)construí-lá. O desejo se inscreve e reinventa o urbano, indo ao encontro de Deleuze e Guatari,

⁹ Essas são algumas das respostas quando indaguei aos entrevistados sobre o que eles ou os outros faziam atrás da Capela. Gírias que julgo oportuno utilizar neste trabalho para não traduzir uma relação sexual da qual eu não participei, assim deixo que, a partir do meu texto, o outro passe também a falar.

¹⁰ Ruela na ladeira ao lado da Rua São José, no carnaval ela é o principal acesso à capela de São José e também congrega a territorialidade transbicha.

¹¹ Em tradução estrita, o termo *darkroom* significa sala escura. Trata-se de uma sala encontrada em algumas boates LGBTT e casas de swing na qual várias pessoas encontram prazer. Prazer esse que vária de acordo com a forma que cada um procura.



para quem “o desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados” (1997, p.11). Ou como me interpela o entrevistado: “aqui a gente pode ser muito viado mesmo. Pode beijar, dançar, curtir... às vezes rola de até algo mais lá em cima (referindo-se a capela de São José)”. A rua é também sapatão, das mulheres que curtem “minas”:

(...) aqui é o melhor lugar do carnaval de Ouro Preto. Todo mundo dança de boa... a gente flerta e acaba pegando umas minas, sem ter homem enchendo o saco... zuando e querendo abusar da gente. Por isso que eu venho pra rua das gays (Marina).

Eu adoro ficar aqui com minha namorada, a gente se diverte e não precisa se preocupar em estar beijando em público... ficar com medo, essas coisas (Ana)

A partir da “pegação” constróem-se os locais de se relacionar erótica-afetiva-sexualmente (OLIVEIRA e NASCIMENTO, 2015). A São José é, dessa maneira, acionada; rua que se constitui por vontade sexual e afetiva. Mas é necessário também entender que esses flertes e relações ocorrem por meio de apropriações de espacialidades marginalizadas das cidades, em contexto não-hegemônicos. De modo que, quando acionados, tais lugares tornam-se resistências frente a espaços hegemônicos das sociabilidades heteroafetivas. Afinal, o que ainda é apontado no relato da entrevistada Marina é uma violência que essas relações ocasionam em outras territorialidades do carnaval ouro pretano.

Outro *insight* me marcou ao longo da minha trajetória nesta pesquisa e que mais uma vez não ocorreu em campo, mas faz todo sentido trazer à tona: estava no Centro de Artes e Convenções de Ouro Preto, no evento Encontro dos Saberes, da Universidade Federal de Ouro Preto. Na data, deveria apresentar, em formato de pôster, os resultados prévios desta pesquisa financiada pela UFOP. Algumas pessoas vieram até mim para conhecer meu trabalho e ouvir minha explanação. Uma, entretanto, me marcou, não só pelo o que ela disse, quase como um desabafo, mas pela minha reação, ou melhor, pela não-reação que tive diante da sua fala. Mais tarde, descobri, pela capacidade de memória fotográfica que possuo, que se tratava de uma funcionária do Posto de Saúde da UFOP. Pois bem, vamos ao fato: ela se aproximou do banner e começou a ler, terminada a leitura, ela me fitou e disse algo mais ou menos assim: interessante, mas você sabe que agora eles estão se espalhando né? Eu, surpreso, disse: “como?”. Ela prosseguiu: “é, esse ano, por exemplo, eu estava no Largo do Cinema e de repente tinha dois rapazes se agarrando do meu lado, nada contra... mas eu e meu marido não achamos adequado”. Naquele instante eu não consegui prosseguir no assunto e a senhora naturalmente foi conferir as outras pesquisas.



Tal ocorrido martelou muito dias na minha cabeça. Talvez eu não tenha conseguido responder e indagar para conseguir assim mais relatos da sua concepção do que seja ou não um comportamento adequado ou o lugar adequado para determinado comportamento. De fato, eu não estava esperando um discurso como aquele na territorialidade em que me encontrava. Mas o que aquela senhora estava me revelando era exatamente aquilo que estou propondo aqui: há uma negociação sobre onde as práticas e relações afetivas/eróticas dissidentes podem ocorrer no contexto do carnaval de Ouro Preto e quando esta “regra” é quebrada, quando pessoas LGBTTQIs se distanciam da sua territorialidade, isto gera conflitos. Por vezes, violência.

3.4 A questão dos conflitos

Não obstante, o relato anterior não será o único exposto aqui para discutir outro aspecto que supracitei no começo deste texto: os conflitos e a violência como constituintes e mecanismos que acionam identidades/territorialidade no meu campo de pesquisa.

Retomo ainda - detalhadamente - a situação que vivenciei entre uma travesti e um homem hétero na Rua São José. Pelas minhas anotações logo após o campo, afirmo se tratar de um sábado do carnaval de 2014. A rua estava bastante cheia e eu estava relativamente distante do ocorrido. De repente, a música cessa e abre-se um vão, percebo que uma travesti empurra um homem ao chão e ela grita: “Aqui não, querido!!!”. Alguém levanta o homem e o retira dali. Tentei indagar a travesti sobre o ocorrido, mas ela não quis conversar comigo. Assim, perguntei a um rapaz que estava próximo, ele disse que o cara estava passando e começou a insultar a travesti, a chamá-la de “aberração” e outros xingamentos e, quando ele ameaçou tocá-la, ela o derrubou.

Nesse ponto, preciso destacar algo importante: a Rua São José é um caminho de fluxo durante o Carnaval, posto que liga dois palcos de show o do Largo do Cinema com o do Largo da Alegria. Assim, além das pessoas que se apropriam dessa territorialidade, há também os que a perpassam para chegar aos seus destinos. Desse modo, eu mesmo, no ano de 2013, ouvi muitos insultos e xingamentos de pessoas que passavam e viam outras se “pegando”. Notadamente, a própria territorialidade transbicha parece ser assim um local de disputa, mas também de seguridade. A travesti mostrou ao homem quem é que “dominava” naquele espaço, de quem ele era. Pesquisadoras como Bento (2003) e Pelúcio (2005) discorrem sobre como travestis precisam demonstrar força, ao passo que são vítimas de violências cotidianas, seja na prostituição ou nas ruas de modo geral. O que vai ao encontro com o discurso da travesti entrevistada:



Sabe como é né? Eu chamo atenção, uma loirona dessa, dois metros de altura. Aí os homi pensa que a gente é bagunça. Mas eu ando com gilete! Se precisar mostro que não pode mexer com travesti! (Bruna)

Ademais, indo mais a fundo na questão do conflito e da violência como agentes para o processo de formação desta territorialidade: a ideia no montante dos discursos dos entrevistados é que a rua transbicha é um lugar seguro, para “soltar a franga”¹² e para ser quem eles querem ser:

Ah porque aqui a gente tem uma liberdade muito maior do que em outros lugares, tanto pra curtir, pra se soltar totalmente (João)
Aqui é nosso lugar sabe? Porque nos outros lugares tem sempre alguém olhando, xingando! Aqui não, aqui é LGBTT mesmo... Isso que é bom de se apropriar da rua! (Pedro)

Ora, assim esse “lugar é nosso” denota a ideia de posse, os entrevistados supõem então que estão livres de xingamentos e agressões. Diferentemente de outros contextos da festividade, nos quais todos alegaram ter sofrido ou presenciado alguma situação de preconceito/violência:

Já, no carnaval do ano passado... Eu tava beijando na praça Tiradentes e um cara começou a xingar de longe, fazendo maior escândalo! (Jorge)
Um cara gritou comigo, me chamando de sapatão imunda. Falava que eu precisava apanhar, ai meu irmão chegou e ele afinou! Fiquei muito mal (Marina)
Ah, alguns comentários de uns caras idiotas, conversando fiado por exemplo. Aí ce tem que dar um chega pra lá neles (Mas quais comentários? Ah, te chamando de gostosa, pedindo pra beijar você, falando que vai ensinar eu e minha namorada a gostar de homem (Ana)

O preconceito se estende também para dentro das Repúblicas Federais. Essas, há muito tempo têm-se mostrado como lugar inóspito para pessoas não heterossexuais. As moradias federais, que são um direito de todos, especialmente daqueles hipossuficientes economicamente, têm privilegiado poucos “abastados” – isso devido à autogestão discriminatória e segregacionista cedida pela Universidade. O sistema de autogestão, desde os primórdios da UFOP e das repúblicas, provocou recorrentes situações de exclusão social, principalmente à comunidade LGBTTQI¹³. Tal gerenciamento possui uma prática de seleção que é, na verdade, um processo de exclusão, que seleciona os seus moradores por meio de critérios subjetivos, relativos e inegavelmente imprecisos. No Carnaval, essa realidade não é diferente: além de vender as mulheres como insumo, seja por meio de vídeos ou fotos promocionais, as repúblicas federais, mesmo hospedando turistas gays, não se constituem em um lugar seguro e livre para que eles possam curtir a festividade:

¹² Expressão utilizada por um dos entrevistados. Remete a ideia de libertar-se, de “ser bicha livremente”.

¹³ As casas estudantis são autogeridas, assim, os moradores instauram trotes e batalhas humilhantes para os calouros que decidem “batalhar” nas casas. É notório ainda, a LGBTTQIfobia por parte das Repúblicas Federais de Ouro Preto que, como moradias estudantis, instituem a heterossexualidade como critérios para seleção de seus moradores. Há ainda, casos de machismo: violência física e sexual contra mulheres nestas casas.



Ai muito chato. Tava ficando com um cara, dai veio um babaca lá da casa e pediu pra eu parar, porque tava incomodando a galera. Não criei caso porque não estava hospedado lá... Fui embora (Júlio)
Eu tava com meu namorado, dentro da república a gente tava se beijando normal... mas ai veio alguém jogou bebida na gente. Eu fui reclamar com moço que morava lá e ele disse que não podia fazer nada. Achei que ele gostou... isso sim! (Pablo)

A partir desses relatos, percebe-se como a LGBTTQifobia opera de modo a delimitar - ou pelo menos é essa a tentativa - as espacialidades nas quais as relações sexuais, afetivas e eróticas não heterossexuais podem ou devem ocorrer. Desse modo, a rua transbicha torna-se resistência em contexto de hegemônico de heterossexualidade do carnaval de Ouro Preto.

Esse processo pode ser entendido por meio da noção de Foucault (1985) sobre as relações de poder, ou seja, onde há um poder hegemônico a resistência a ele coexiste. Mesmo porque, para o autor, o poder é uma relação de enfrentamento, de luta. Nesse sentido, a Rua São José, quando apropriada, não é apenas um espaço de expressão sexual, mas um local de demarcação de poder, um “contrapoder” “subalterno” e não hegemônico, acabando por assumir identidades LGBTTQIs.

Destarte, podemos inferir que a constituição identitária e esse acionamento territorial se dá em um processo também de conflito/violência. A rua, para além de um lugar de sociabilidade e de demarcação de relações sexuais e afetivas, é fruto da LGBTTQifobia latente nas demais territorialidades. Assim, entender esse processo nos permite compreender seus enlaces com a situação dos LGBTTQIs em Ouro Preto e no Brasil. Viver e se divertir, para essas pessoas, é, sobretudo, resistir. Os corpos delas tornam-se políticos, à medida que preteridos e abjetos. Os seus “lugares”, do mesmo modo, operam enquanto resistência numa sociedade hétero-compulsória.

4 Da Rua São José à Rua Paraná: a heteronorma redesenhando territorialidades e identidades

Lembro-me da minha primeira experiência na São José, na verdade foi também a minha primeira vez no Carnaval de Rua de Ouro Preto. Eu tinha 17 anos e havia me assumido no começo do ano de 2011. Assim, eu estava ansioso para curtir o carnaval sem importar em me esconder e ter de fingir ser alguém que eu não queria ser. Como muitas vezes acostumei a me portar, seja por pressão familiar ou pelos outros.

No momento em que cheguei, fiquei intensamente maravilhado com aquela rua: drags, travestis, trans, sapas, bichas, gays e héteros dançando e se divertindo. Ali o conceito de liberdade



pareceu materializar-se diante de mim. As pessoas aparentemente se entregavam ao ritual do carnaval e eram realmente felizes. Eu, assim, fui afetado: entreguei-me ao carnaval, à multidão, a ser quem eu queria ser. Tudo que acontecia, até então, era novo e maravilhoso aos meus olhos.... As vivências eram diferentes naquele espaço temporal. Eu estava, de algum modo ou de outro, verdadeiramente feliz!

Relato isso para propor como as experiências no espaço são também de efemeridade e de corporificação (NASCIMENTO, 2016b, p. 15). A rua não era apenas algo físico e geográfico, mas era pessoas, assumindo espontânea ou estrategicamente performatividades de gêneros e sexualidades. Os corpos dos foliões se interligavam com a rua. O contexto urbano era assim dinamizado pelos corpos que nele se estabeleciam. Meu relato revela ainda certa diversidade ou heterogeneidade de pessoas que se corporificavam naquela rua. As diferenças eram negociadas e se estabelecia um lugar das diferenças. Onde ser bicha, ser travesti, ser instável e múltiplo não incomodava.

Mas, dentre os anos de 2015 a 2017, a Rua São José foi-se esvaziando. Apresento aqui duas causas para esse fato: o primeiro é que o Carnaval de Ouro Preto, digo, o carnaval de rua, vem perdendo espaço para o de Belo Horizonte. A capital mineira, nos últimos 4 anos, desenvolve e retoma um carnaval de blocos tradicionais de rua, no qual a experiência urbana, a apropriação dos espaços urbanos para festividade, é a principal característica. Em contrapartida, Ouro Preto se distanciou disso, o carnaval de república, com blocos privados e festas temáticas dentro das casas estudantis, promoveu certa capitalização da festa. A prefeitura da cidade, nas últimas gestões, tem alegado não possuir dinheiro em caixa suficiente para promover o carnaval, nos moldes que ocorria anteriormente.

Contudo, apesar desse fato ter sido importante para o esvaziamento da Rua São José, ele está ligado ao contexto geral do Carnaval de Ouro Preto. No ano de 2017 foram 40 mil turistas que passaram o período carnavalesco na cidade. Em contraposição, Belo Horizonte recebeu cerca de 2 milhões de foliões, batendo recordes no ano. Porém, há ainda outro fato, que será abordado nesta pesquisa, crucial no esvaziamento da São José: o surgimento, em 2015, de outra territorialidade, a Rua Paraná, ou Rua Gay, como aqui será tratada.

A Rua Gay surge a partir da apropriação de um grupo chamado Engenharia Integrada (EI) de uma das casas, no período de carnaval, que se localiza na Rua Paraná. A EI é um grupo da rede social *Facebook* de estudantes gays dos cursos de engenharias de instituições superiores de educação de todo país. Seus membros, além de interações pela plataforma online, promovem festas e encontros



pelo Brasil. Em Ouro Preto, eles alugam casas para o Carnaval desde 2013, mas até então eles se misturavam com os foliões na São José.

Porém, quando a casa se desloca para a Paraná, eles passam a produzir uma espécie de carnaval parecido com os das repúblicas: festas temáticas e dentro do casario. No entanto, eles também se apropriam da rua, em frente à casa. E, da mesma forma, dançam, curtem e se “pegam” naquele espaço instituído. Porém, há uma diferença importante entre a Rua São José e a Paraná: enquanto a primeira, como aqui já discutido, congrega identidades e performatividades transviadas, marginalizadas e ou deslocadas, a Paraná surge como rua dos gays.

Cabe ressaltar, nesse cenário, que os dispositivos políticos/econômicos e socioculturais constroem e (re)adequam a identidade gay. De fato, muitos teóricos discutem a relação intrínseca de sua constituição atrelada ao consumo: cria-se uma série de serviços e produtos para esse público que se apresenta para o mercado como um ávido consumidor. Ser gay, aos moldes capitalistas, se relaciona com certa posição política/econômica e social (MACHADO E PRADO, 2005; FRANÇA, 2012). Os analíticos queer pontuam também como esta identidade tem caráter um tanto quanto elitista, bem como possui um vínculo com a política de identidade binária que atua para normatizar e naturalizar identidades (LOURO, 2004). Não retomaremos a fundo essas pontuações, mas elas são fundamentais para entendermos como a Rua Paraná engloba essa identidade gay mais heteronormativa.

Por conseguinte, quando fui a campo - investigar a Rua Gay - intrigou-me a homogeneidade dos corpos que ali se encontravam: homens gays, em sua maioria brancos, com corpos malhados e sarados e, digamos, com uma masculinidade acionada como forma de conquista sexual/afetiva. Não é novidade como a capitalização do corpo e o biopoder operaram para promover, por meio do discurso da saúde, a beleza estética e física ideal (FOUCAULT, 1998; LE BRETON, 2011). Também não é algo novo a intensa heteronormatividade exercida sobre corpos de quem se identifica como homem. Afinal, a LGBTTIQIfobia possui relação estreita com o machismo e a misoginia, através dos quais se renegam todas as características concebidas como femininas (WELZER-LANG, 2001).

Com tais ponderações quero propor que a rua Paraná se configura em oposto a São José. A heteronormatividade dos gays da primeira redesenhou a sua própria territorialidade. A contraposição foi também notada em alguns relatos dos entrevistados:



Ai aqui nessa Rua (São José) dá muita cona¹⁴.... eu prefiro ficar lá na Paraná que tem mais gente do meu nível, é só questão de gosto mesmo! (Lucas)
 Aqui na Engenharia Integrada é a feira, né? Lá na rua das bichas é a chepa (risos) (Henrique)
 Eu assim, acho que lá na rua Paraná tem muita barbie¹⁵ e gay malhado, ai eles olham pra gente meio: o que voce tá fazendo aqui? Não curto... acho que aqui é mais a minha cara. As pessoas são mais divertidas e menos preconceituosas... (Bruna)
 Ah, eu fico nos dois lugares, mas aqui tem mais sapas que lá (Rua Paraná)... Lá é mais homem mesmo. Fico um pouco com meus amigos, só que venho pra cá (Rua São José) pra fazer pegação! (risos) (Marina)

Assim, durante 2015 e 2016 essas duas territorialidades se contrapuseram enquanto lugares de sexualidades não-heterossexuais. Uma se readequando à heteronorma e cristalizando um padrão aceitável de identidade gay e a outra amparada no signo da dissidência/marginalização. Na foto abaixo, por exemplo, podemos ver uma senhora hétero que carnavaliza e se diverte na Rua São José, o que não era comum na Rua Paraná, já que seu público era restrito e como interpreto a partir do que disse um dos entrevistados: a velhice não era objeto do “desejo”, as conas ou as pessoas idosas, independentemente de suas sexualidades, deveriam, a partir desses discursos, ocupar apenas determinadas territorialidades.



Figura 03: Moradora da cidade na Rua São José, Carnaval de Ouro Preto (2012)
 Autor: Lincon Zarbiatti

¹⁴ O termo cona remete à gíria maricona, que se tornou uma forma recorrente de certos grupos gays ao fazerem referência a homens gays e bissexuais mais velhos.

¹⁵ O termo barbie faz referência a homens gays malhados e que, de certa forma, estão inseridos num contexto em que o corpo e a estética são cultuados. Afinal, se existe um símbolo da beleza e perfeição imposto e reproduzido no imaginário social feminino é o da boneca Barbie.



Mas, como bem disse Foucault, as relações de poder não se instauram sem disputas. De modo que até quando houveram pessoas diferentes o suficiente para apropriar-se das duas ruas, elas coexistiram e se distinguiam a partir de marcadores sociais da diferença, tais como raça, classe, gênero e etc. Porém, em 2017, a Rua São José esvaziou-se de vez e a Paraná foi reterritorializada. Os remanescentes da primeira territorialidade ocuparam a segunda e as identidades foram novamente negociadas. Mesmo que por meio das minhas observações eu tenha notado microterritorialidades instauradas: os grupelhos se dividiam, por critérios físicos e estéticos, bem como de classe, e não parecem mais se misturar num único fluxo, como acontecia na São José.

Todavia, esse processo de reterritorialização dos dissidentes da São José na rua Paraná tende a se intensificar, na medida em que todo contexto hegemônico congrega também à resistência. Penso, nesse sentido, que os gays da EI precisaram estabelecer o diálogo com as transbichas da São José, para que a espacialidade não fosse totalmente perdida/modificada. Trata-se, assim, de negociação, de gestão estratégica da identidade. A rua assume seu caráter marginal frente aos territórios hétero, mas dentro dela mesmo os grupos se delimitam em micro lugares. Nesse mesmo sentido, em sua pesquisa, Perlongher argumenta: “esses deslocamentos microscópicos não só estão determinados pelo desejo dos "proto-gays" de distinguir-se das "bichas" (no qual é legível todo um afã de diferenciação social)” (1993, p. 142).

Ademais, quando no último dia do carnaval deste ano o meu amigo chega até mim irritado e diz: você acredita que o “fulano” da república “x” falou comigo que era para eu descer mais que o lugar das bichas era ali?¹⁶ Eu percebo que a Paraná está se redesenhando e englobando, dentro dos limites possíveis, o contexto que havia na São José. A legibilidade se deslocou e a Paraná se enquadra agora como resistência frente aos contextos urbanos da vivência estritamente heterossexual. Por fim, penso ainda que, devido a nova localização da rua transviada, próxima das repúblicas da Rua Paraná e Direita, as disputas e conflitos podem se intensificar nesses ligamentos entre as territorialidades. De modo que novas territorialidades/identidades podem emergir, mas a rua transbicha não irá desaparecer, ao passo que ela está corporificada em seus frequentadores. Haverá, portanto, sempre um processo de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, reinvenções de sociabilidades e subjetividades no espaço, numa visão deleuzeana.

¹⁶ Os termos “fulano” e “x” são usados para não identificar e, assim, não expor qualquer pessoa e instituição. O objetivo deste artigo não é esse e nem seria adequado, afinal este é um trabalho sobretudo científico/acadêmico.



5 Considerações finais

Esta pesquisa mostrou a relação entre sexualidade e acionamento territorial. A rua passa a ser também lugar de sexualidade. Não apenas São José, mas transbicha. A São José é rua transbicha, pela heterogeneidade de pessoas que nela se concentraram e (re)apropriaram para viver a efemeridade do carnaval. Dos corpos pretos, bichas, trans que nela atravessaram e a transformaram em rua-corpo. Ela é, *à priori*, reinventada e renegociada todos os anos, numa constante gestão das identidades ali presentes. Ela ganhou legibilidade.

A LGBTQIfobia faz com que as pessoas de sexualidades dissidentes estrategicamente acionem a territorialidade. Assim, mesmo que o carnaval permita certas flexibilidades nas normas de sexualidades e gêneros, ele ainda se insere em um contexto de controle e repressão de pessoas consideradas abjetas, de modo que todos os entrevistados relataram situações de preconceito vivenciadas seja por suas afetações de sexualidades ou pelas práticas afetivas/eróticas que realizaram em outras territorialidades. Portanto, a São José é marca de poder, ou contrapoder. Demarca, com isso, resistência frente à heteronormatividade. Mesmo que esse espaço, às vezes, possa ser alvo de represálias violentas, como a agressão à travesti, relatada neste texto, ele representa possibilidade de liberdade para expressão e a socialização das relações eróticas e afetivas das minorias marginalizadas.

Por conseguinte, neste trabalho, a identidade é vinculada à territorialidade. Elas coexistem e se remodelam, por meio das relações de poder. Esse poder que, por vezes, tende a delimitar o espaço em que as pessoas podem ser e agir adequando a sexualidade, norma (hétero) e a performatividade de gênero aceitável (homem e mulher). O machismo e misoginia relega às espacialidades que podem ser das mulheres, assim como a LGBTTfobia formata as territorialidades que devem ser dos LGBTTTS. Porém, essa lógica precisará sempre ser renegociada na medida em que essas pessoas transgridem a norma. Elas são instáveis e, por isso, não cabem em territórios, sejam eles geográficos, linguísticos ou políticos. Portanto, as disputas e conflitos que surgem modificam não apenas o lugar daqueles que são dissidentes, mas também o lugar da hegemonia hétero.

Trata-se, portanto, de uma desterritorialização e reterritorialização constantes, fazendo dos corpos territorialidades itinerantes urbanas. Isso está exemplificado neste trabalho ao narrar o ápice e o esvaziamento da rua transbicha na São José, o que deu lugar à territorialidade da Paraná (rua dos gays) e redesenhou identidades sexuais a partir de uma heteronorma. Abarcou, assim, identidades gays vinculadas com a questão do corpo malhado, branco e masculinizado, em contraposição à Rua



São José que, como apresentou um dos seus frequentadores, era um espaço de “todas: sapas, bichas, travas... todas reunidas pra fechação”. No entanto, nesse último ano (2017), novos contornos se (re)criam nessa territorialidade, mostrando seu caráter instável e as “todas” aqui sobreditas começaram a se reposicionar na Rua Paraná, em negociação com identidades mais elitizadas. Assim ela passa a ressurgir nessa nova territorialidade.

Considero destarte que sempre haverá a rua transbicha porque a subversão sempre existirá. A resistência é algo intrínseco às relações de poder. Ela está em parte dentro da norma e parte fora. Por isso, não consegue ser absorvida totalmente pelo poder vigente. Mesmo que pareça se tratar apenas de estar-se passivo no lugar ao qual a LGBTQIFOBIA nos relega, não se pode esquecer que, ao tomar esse lugar estrategicamente, o (re)posicionamos enquanto potência de mudança, de transgredir suas fronteiras e expandir para o contexto hétero. Não há nenhuma maneira de extinguir ou delimitar a rua transbicha, pois ela é viva e corporificada, ela está no entre caminho da norma e da subordinação. Ela não pode ser delimitada porque, por si só, surge na efemeridade do carnaval.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. Tradução Edson Araújo Cabral e José Benedito Damião. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Col. Os Pensadores).
- BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. *Labrys: estudos feministas*, 2003, 4.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BRETON, David Le. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Sexualidades transgresoras*. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària editorial, 2002.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Record, 2003.
- CAIAFA, Janice. *Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de; MADEIRO, Gustavo. Carnaval, mercado e diferenciação social. *Organizações & Sociedade*, 2005, 12-32.
- DELEUZE, Guiles.; GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad. Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: RÉ S Editora, 1986.
- ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana Luiza de Carvalho. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas de vida urbana*. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.
- ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. *Etnografia: saberes e práticas*. ILLUMINURAS, v. 9, n. 21, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.



- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1998.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. EdUERJ, 2012.
- FREHSE, Fraya. A rua no Brasil em questão (etnográfica). *Anuário Antropológico*, n. II, p. 99-129, 2013.
- FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. EdUSP, 2006.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 37-129.
- HEILBORN, Maria Luiza. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”, in: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 93-102.
- HOOKS, Bell. *Yearning: Race, gender, and cultural politics*. 1992.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006.
- MATTA, Roberto da. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MONTES, Maria Lúcia. Entre a vida comum e a arte: a festa barroca. Emanuel ARAUJO (curadoria) *O universo mágico do barroco brasileiro*. São Paulo, FIESP, 1998.
- NASCIMENTO, Silvana.S. A cidade no corpo: diálogos entre etnografia e corpografia. *Ponto.Urbe* (USP), v. 1, p. 1-37, 2016.
- NASCIMENTO, Silvana.S. *Cidades trans: uma etnografia multi-situada nas fronteiras da antropologia urbana*. In: Encontro Anual da ANPOCS, 2016, Caxambu, MG. Encontro Anual da ANPOCS, 2016.
- OLIVEIRA, Thiago de Lima; NASCIMENTO, Silvana de Souza. Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 2015, 19.
- OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. 6. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- PEIRANO, Marisa. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe* 2008; 2:2-9.
- PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos. *Cadernos pagu*, 2005, 25: 217-248.
- PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011. 208 p.
- PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1993, 22: 137-144.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo, Perseu Abramo, (2008 [1987]).
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Bauru: USC, 1999, 23-38.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.



- SAID, Edward. *Orientalism: western representations of the Orient*. New York: Pantheon, 1978.
- SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979, 20-35.
- SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973.
- VELHO, Gilberto. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana*, v. 17, n. 1, p. 161-185, 2011.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 2001, 9.2.

